

# “FRONTEIRAS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO”: OS PORTAIS RELIGIOSOS DA LISBOA DOS SÉCULOS XVII E XVIII<sup>1</sup>

MARIA JOÃO FONTES PEREIRA COUTINHO\*

**Resumo:** O presente estudo, sobre portais de edifícios religiosos de Lisboa, dos séculos XVII e XVIII, não só procura entender a importância da transcendência que os locais de implantação revelam, como procura atingir o objectivo de entender o impacto do portal em quem o observa. Objectos carregados de significações, esses elementos arquitectónicos, impõem limites, e assinalam o *espírito do lugar*, que, mesmo quando integrado em espaços devolutos, ou dessacralizados, continua a afirmar o poder da Igreja. Exemplos de várias soluções conseguidas para emanar essa ideia de sacralidade e de separação de dois mundos, o Sagrado e o Profano, estruturam a ideia apresentada, cujo método radica na recolha e observação de casos de estudo, complementada com fontes, essenciais para o entendimento das obras em apreço.

**Palavras-chave:** Barroco; Lisboa; Igrejas; Portais.

**Abstract:** The present study, about portals of religious buildings of Lisbon, of the 17th and 18th centuries, not only seeks to understand the importance of transcendence that the implantation sites reveal, how aims to achieve the objective of understanding the portal impact on the beholder. Objects loaded with meanings, these architectural elements, set limits, and mark the *spirit of the place*, that even when integrated into unoccupied spaces, or desacralized, continues to affirm the power of the Church. Examples of various solutions achieved to disseminate this idea of sacrality and separation of two worlds, the Sacred and the Profane, structure the idea presented, which method resides in the compilation and observation of case studies, supplemented with essential sources for the understanding of the works in appreciation.

**Keywords:** Baroque; Lisbon, Churches; Portals.

---

<sup>1</sup> Este texto insere-se no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no nosso pós-doutoramento, intitulado *Pórtico: estruturas de pedraria em fachadas de igrejas do distrito de Lisboa do domínio Filipino ao Terramoto* (SFRH/BPD/85091/2012), a decorrer pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência

\* IHA/ FCSH/ UNL. mjpereiracoutinho@gmail.com.

## NOTA PRÉVIA

A sacralização dos templos, assumida na fachada e no simbolismo inerente ao seu portal, que separa «dois domínios, o dos deuses e o dos mortais»<sup>2</sup>, é inúmeras vezes perceptível mesmo quando muitos desses espaços religiosos já foram desprovidos da sua função primordial. Essa questão, aqui tratada no domínio da capital, área por nós escolhida para a realização deste estudo, onde se encontram exemplos de edifícios paroquiais onde a religiosidade ainda é vivenciada, bem como em exemplos monástico-conventuais desafectos de culto, datáveis do séc. XVII e da primeira metade da centúria seguinte, enquadra o nosso objectivo de compreender o portal a partir da integração do edifício num determinado lugar.

No caso de Lisboa, e à semelhança com aquilo que já foi traçado para casos de outras cidades<sup>3</sup> encontramos frequentemente a persistência da memória do Divino através desses elementos arquitectónicos, que, graças ao seu carácter tangível, mobilizaram e continuam a mobilizar de uma parte significativa da população para a esfera do Sagrado. Esses objectos, alvo de olhares diversos, uns mais conhecedores da Doutrina e outros menos aptos para desconstruírem formas e interpretarem a religião católica, são sempre veículos da mensagem proclamada pela Igreja, que, no caso de Lisboa, sobretudo na dos sécs. XVII e XVIII, se diferenciam daqueles visíveis em outras áreas geográficas portuguesas, quer pela sua escala e características formais, quer pela sua ornamentação. Para além dessa ideia, importa reforçar que não só separam o espaço Profano do espaço Sagrado, como materializam essa cisão, coadjuvados pela teatralidade inerente aos programas estéticos dessas centúrias, mas também através da dialética desenvolvida com os restantes elementos arquitectónicos da fachada.

## ASPECTOS RELATIVOS À IMPLANTAÇÃO DAS CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA

Não podemos compreender a separação entre dois mundos – o terreno e o devocional –, sem entendermos verdadeiramente o que moveu o homem a implantar as suas casas religiosas num determinado ponto, que neste caso foi Lisboa. Por isso, importa focar que esta cidade foi descrita no séc. XVII por Luís Mendes de Vasconcelos como sendo agradável à vista, «de suaue temperamento para o corpo, & commodidade dos exercicios deleitosos». O mesmo autor reportou-se ainda à

---

<sup>2</sup> BASTIDE, 2006.

<sup>3</sup> RUÃO, 1998; QUINTÃO, 2005; SOROMENHO, 2009.

capital do reino como sendo o local ideal «para hauer nelle particulares recreações, como são Iardins, & Quintas retiradas, e sumptuosos, & grandes Conventos, illustres por fabrica, alegres por natureza, & perfeitos na vida para recreação dos animos, pios, & deuotos»<sup>4</sup>, bem como para o estabelecimento de outras tipologias de casas dedicadas à vida consagrada.

Sendo também relatada como a oitava maravilha do mundo, Lisboa era conhecida por ter uma luminosidade única, lindas colinas, edifícios modernos e templos tão altos, que no entender de alguns viajantes pareciam «competir com as estrelas»<sup>5</sup>. À época do início do reinado dos Bragança, possuía «40 paróquias, mas tão cheias de fiéis que durante a procissão do Santíssimo, no ano de 1619» foram contados 3338 confrades do Sacramento; (...) 24 mosteiros (...) e 8 conventos de freiras<sup>6</sup>.

Para além da privilegiada exposição solar e da vista para o rio, a inserção de novas construções religiosas na malha urbana da Época Moderna foi amiudadamente conseguida através da aquisição de lotes por comunidades religiosas abastadas e mesmo através do esforço dos fregueses de determinadas paróquias, que se mobilizaram pelo meio de irmandades, para aumentar e dignificar os seus templos. Embora nem todos os autores contemporâneos concordem com esta ideia, de um certo ordenamento na implantação, certo é que a importância que a paisagem tinha na fixação ou modernização destas casas foi bastante valorizada pelos construtores e cronistas que perenizaram a história destes conjuntos. Testemunha esta ideia uma importante asserção expressa por Mateus do Couto, no *Tractado de Architectura Que leo o Mestre, e Architecto Matheus do Couto o Velho No anno de 1631* (1631), onde refere que os templos se deviam situar «nos mais vistozos sitios que o lugar tiuer, onde com facilidade se possa hir.», remetendo para o Livro IV de Sebastiano Serlio, onde esse autor trata do templo sagrado e onde afirma que este devia ter a «frontaria sempre onde mais vistoza seja; a saber com frontaria ao Lugar, e entrada principal de mar, ou terra (...), e com boas praças diante.»<sup>7</sup>.

Prova particularmente a ideia da importância da vista, na óptica dos cronistas, a afirmação do Pe. Francisco de Santa Maria sobre o convento de Santo Elói em 1697, que confirma: «Mas a cousa melhor, & mais presada do convento, he a vista, sem controversia a mais larga, & a mais aprasivel de Lisboa»<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> VASCONCELOS, 1608: 195-196.

<sup>5</sup> CUSATIS, 1998: 58-59.

<sup>6</sup> CUSATIS, 1998: 58-59.

<sup>7</sup> BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (LISBOA), *Secção de Reservados*, Cod. 946: *Tractado de Architectura Que leo o Mestre, e Architecto Matheus do Couto o Velho No anno de 1631*, cit. por CONCEIÇÃO, 2015: 356.

<sup>8</sup> SANTA MARIA, 1697: 451.

A ideia desse cronista é também expressa pelo autor da *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, a propósito da localização do mosteiro de São Bento, onde menciona que o sítio tinha que ser «muy acomodado pera nelle se lograr boa saude» e com essa faculdade a «recreaçam da boa vista que tem sobre a cidade, rio e porto, gozando o prospecto das muytas naos que no ditto porto entram e delle sahem»<sup>9</sup>.

Fr. Agostinho de Santa Maria, acerca do vizinho colégio da Estrela, implantado na antiga Quinta de Campolide, informa que esta era «lavada dos ventos, com excellente vista para o mar, & para a terra, dominando a cidade toda»<sup>10</sup>.

Corroborando ainda esta evidência, a afirmação de Fr. José de São Jerónimo, cronista da Ordem da Santíssima Trindade e Redenção dos Cativos, ao mencionar, a propósito do convento de Nossa Senhora da Soledade do Mocambo, que era muito agradável e aprazível o sítio onde se achava fundado o cenóbio, fazendo frente pelo lado Sul «á nossa dilatada e espaçosa Marina de Lisboa, aonde communmente se achão ancoradas immensidade de Náos, assim Nacionais como de diversas Nações Estrangeiras» e logrando de «deliciosa vista do celebrado Téjo, o qual communicado e unido com as aguas do Oceano, fórma os seus repetidos passeios pela famosa Barra»<sup>11</sup>.

Por fim, entre inúmeros exemplos que existem a este respeito, salientem-se as palavras de Fr. Manuel da Esperança, cronista da Ordem dos Frades Menores, que relata sobre o mosteiro da Esperança que se localizava num dos sítios «mais alegres que tem Lisboa», denominado de *Boavista*, «posto que este derivasse do monte, em cujas raizes se plantou o Mosteiro»<sup>12</sup>.

Outro aspecto importante para a compreensão da implantação das casas religiosas de Lisboa, prende-se com outra cambiante da noção de *espírito do lugar* – a presença de pré-existências culturais no local de estabelecimento de determinadas comunidades religiosas. Não é raro na história das igrejas de Lisboa e arredores encontrarmos referências ao facto de esta ou aquela igreja terem sido erigidas em locais onde se encontravam outras construções religiosas. Muitas ermidas deram lugar a templos e inúmeros recolhimentos foram fundamento de cenóbios.

Uma das situações mais antigas que se conhece é a da igreja de Santa Maria do Castelo, construída no local de uma antiga mesquita, à qual se junta a igreja de São Cristóvão, edificada no local onde provavelmente esteve a igreja de Santa Maria de Alcamim. A igreja de São João Baptista do Lumiar parece ter sido igual-

<sup>9</sup> LIMA, 1972: 24.

<sup>10</sup> SANTA MARIA, 1707: 18.

<sup>11</sup> SÃO JOSÉ, 1789: 290.

<sup>12</sup> ESPERANCA, 1709: 217.

mente fundada no sítio onde muito antes da nacionalidade se praticava o culto a Santa Brígida. O templo inaciano de São Roque e casa professa foram erigidos no local onde se encontrava a ermida homónima e a igreja do convento de Santa Ana instalou-se no lugar onde ficava o recolhimento das Penitentes da Paixão de Cristo. A igreja de São Paulo, criada como sede de paróquia em 1412, segundo a inscrição constante no primitivo portal do templo, é, por sua vez, outro dos casos que comprova a necessidade de reedificar um templo num local já sacralizado, com a particularidade de se ter alterado a sua orientação, após o terramoto de 1755<sup>13</sup>.

## ERGUER “FRONTEIRAS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO”: AS FACHADAS E OS PORTAIS DE CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA

Após a anterior abordagem acerca da implantação do edificado religioso em Lisboa, convém agora compreender a variedade de frontispícios e de portais, estes últimos carregados de símbolos identitários do Sagrado, que existiram na capital, e que ajudaram a compreender a essência do lugar em questão. Não explorando aqui questões que já tivemos oportunidade de interpretar em outras ocasiões, decorrentes da devoção pós tridentina e subsequente valorização da imagem escultórica na fachada do templo, fixadas a partir da obra *Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae* (1577), de Carlos Borromeu (1538-1584), e promulgadas nos sínodos portugueses, importa no entanto reforçar que muitas das soluções de inclusão de símbolos devocionais e de imagens de santos que podemos encontrar nas mais distintas tipologias de fachadas, variaram ao sabor da vontade de engrandecer e modernizar o templo. Também a disponibilidade financeira, que através de mecenato, empréstimos e angariações, as comunidades dos cenóbios e os fregueses iam conseguindo, levou a que muitos destes objectos arquitectónicos tivessem conhecido vários frontispícios e portais.

Já o facto de alguns templos estarem situados em locais onde a prática religiosa remontava a outras épocas, e onde as estruturas já não iam ao encontro das novas formas de liturgia veiculadas a partir do concílio de Trento, conduziu ao aumento e à renovação das suas dependências, surgindo, por isso, outras portas de entrada, com signos igualmente identitários.

Em casos privilegiados, onde irmandades conseguiram erigir novos templos em locais desafogados ou com boa vista<sup>14</sup>, vários foram os exemplos onde gras-

<sup>13</sup> Acerca de todos estes exemplos *vide* as respectivas entradas em SANTANA & SUCENA, 1994.

<sup>14</sup> Atente-se ao facto do edificado de hoje poder ter alterado a noção de desafogo do edifício à data da sua construção ou renovação.

saram fachadas singulares, despojadas de decoração, e onde só o portal ostentou a simbologia necessária, a par da presença da cruz e de campanários, para a real identificação do edifício. Uma panóplia de elementos, como a cruz, que suscitava, e ainda suscita, a contrição de muitos, a encimar frontões de portais, como as que se encontram na desafecta igreja do convento sobranceiro ao rio das Albertas (Fig. 1), e no portal lateral da igreja de São Cristóvão (Fig. 2), onde outrora fora o templo de Nossa Senhora de Alcamim, e a representação de um Ostensório, como aquele que ainda hoje observamos no portal da igreja do extinto convento do Santíssimo Sacramento de Alcântara (Fig. 3), foram, durante séculos, elementos facilmente compreensíveis, até para o fiel menos letrado.



Fig. 1. Portal da antiga igreja do convento de Santo Alberto. Fotografia da autora.



Fig. 2. Portal lateral da igreja de São Cristóvão. Fotografia da autora.



Fig. 3. Portal da antiga igreja do convento do Santíssimo Sacramento de Alcântara. Fotografia da autora.

Por outro lado, casos existiram, mais complexos no que à articulação de elementos arquitectónicos diz respeito, filiados na linguagem internacional dos Tratados de Arquitectura, onde a maior atenção foi concedida à inclusão de imagens, ora animando os panos murários, ora inculcando códigos mais complexos de decifrar, como representações de santos e outras composições alusivas a episódios religiosos. Nos casos da inclusão de veneráveis nos programas parietais, que criaram itinerários iconográficos, com atributos muitas vezes dúbios, por poderem pertencer a mais do um santo, só fiéis mais esclarecidos é que conseguiam apreender verdadeiramente a mensagem proclamada. Assim, esta utilização dos santos das ordens, ou simplesmente da maior veneração dos agentes encomendadores de igrejas paroquiais de algumas comunidades, foi reflexo da tentativa de informar quem pelos templos passava.

De entre essa opção iconográfica que se firmou em Lisboa, destacamos a título de exemplo, casos menos referidos, como o da igreja de São Roque: obra singular que tinha frontão triangular e um nicho de pedra com duas colunas do mesmo material, onde se encontrava a imagem do Menino Jesus Salvador do Mundo, com um globo na mão e sobre ele uma cruz<sup>15</sup>.

Também o frontispício do convento de franciscanos arrábidos, dedicado a S. Pedro de Alcântara, localizado não muito longe do anterior caso, apresentava no seu frontispício um nicho, «e nelle a imagem do ezemplar da penitencia, o insigne Sam Pedro de Alcantera.»<sup>16</sup>.

De acordo com idêntico figurino, o portal da igreja do desafecto convento de Santa Mónica, do ramo feminino da Ordem de Santo Agostinho, tinha uma imagem dessa venerável no nicho que ainda hoje se contempla no local<sup>17</sup> (Fig. 4).



**Fig. 4.**  
Pormenor do portal da  
antiga igreja do convento de  
Santa Mónica.  
Fotografia da autora.

O colégio de Nossa Senhora da Estrela, anteriormente referido pela qualidade da sua localização, vulgarmente conhecido como Estrelinha, dos padres da Ordem de São Bento, possuía igualmente por cima do seu pórtico, uma imagem de barro dessa invocação mariana, de cinco palmos, encerrada em vidraças, que Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuario Mariano*, caracterizou como sendo «de tão admiravel escultura, & de tão primorosa mão, que parece senão pòde obrar pelas mãos dos homens cousa que exceda», acrescentando que se encontrava ricamente estofada com uma coroa de prata na cabeça e na mão direita uma estrela, «& sobre

<sup>15</sup> LIMA, 1950: 227-228.

<sup>16</sup> LIMA, 1972: 163.

<sup>17</sup> LIMA, 1972: 386.

o braço esquerdo hum muyto bello, & rico Menino»<sup>18</sup>. Essa imagem, encontrava-se ladeada por outras duas, de santos beneditinos, entretanto apeadas, segundo se compreende em fotografias antigas do imóvel, e posteriormente recolocadas, como se observa na actualidade.

A igreja do convento de São João de Deus, descrita pelo Padre António Carvalho da Costa como tendo «hua só nave com a porta para o Norte, & sobre ella a Imagem do Santo»<sup>19</sup>, também parece ter veiculado esta tendência de anunciar a sua invocação, indicando esta separação do laico e do espaço da fé. Refere ainda o padre Alexandre Ferreira Freire nas *Memórias Paroquiais de Lisboa* que a igreja de Santa Justa, conservava uma imagem nas portas dessa igreja «do Senhor S. Vicente padroeyro de Lixboa porque alli desembarcou o seu corpo trazido por El Rey D. Afonso Henriques»<sup>20</sup>, e que embora nos pareça uma devoção anacrónica, nada nos diz que não possa ter sido uma escultura da Época Moderna.

Mensagens ainda mais carregadas de significações foram aquelas introduzidas em baixos-relevos narrativos, na parte cimeira destes portais, que, dialogando com outras representações de veneráveis, tornavam a leitura das frontarias ainda mais intrincada. Ora encerradas nos tímpanos das entradas, ora simplesmente encimando esses elementos arquitectónicos, essas iconografias figuraram quer em fachadas que davam directamente para a rua, quer em frontispício mais recolhidos, muitas vezes separados do espaço laico através de cercas com rasgamentos, que simultaneamente criavam fronteiras visuais, mas que permitiam que a vista as alcançasse.

Testemunhando a existência dessa solução, afigura-se o já conhecido conjunto da igreja do desaparecido mosteiro do Santo Crucifixo de capuchinhas francesas, que, embora hoje descontextualizado no Museu Arqueológico do Carmo, ainda suscita piedade e devoção ao olhar do crente. O conjunto, composto por um baixo-relevo, central, representando *São Francisco dando a regra a Santa Clara*, enquadrado por uma exuberante moldura, ornamentada com elementos florais e vegetais, encontrava-se ainda ladeado pela figuração de Santo António e São Francisco de Assis, em medalhões ovais<sup>21</sup> (Fig. 5).

A também desaparecida igreja da Misericórdia congregava na sua fachada um complexo programa iconográfico que era composto pelo antigo relevo da «Santíssima Imagem de nossa Senhora da Misericórdia (...) obra de excellentissima escultura, & mais maravilhosa, por ser obrada em pedra lios, que he bastante dura», hoje recolocado na actual igreja da Conceição<sup>22</sup>, mas também por uma «huma devotissima Imagem

<sup>18</sup> SANTA MARIA, 1707: 23.

<sup>19</sup> COSTA, 1712: 529.

<sup>20</sup> PORTUGAL & MATOS, 1974: 135.

<sup>21</sup> TIÇÃO, 2007: 101-102; GRILO, 2005: 433-495.

<sup>22</sup> SANTOS, 2009.





**Fig. 5.**  
Baixos-relevos do portal da  
antiga igreja do convento do  
Santo Crucifixo ou das Fran-  
cesinhas. Museu de Arqueo-  
lógico do Carmo.  
Fotografia da autora.

da Mãe de Deos de preciosa escultura em pedra lios», também conhecida por Nossa Senhora do Pópulo, que tinha mais de cinco palmos de altura, e que se encontrava colocada num grande nicho quadrado, que encimava uma moderna janela com grades de ferro<sup>23</sup>. Casos como o anterior, onde objectos artísticos de épocas, estilos e dimensões diferentes dialogavam num mesmo suporte, permite-nos compreender a flexibilidade com que se iam reunindo devoções em frontispícios, à semelhança do que acontecia nos interiores, onde a aculturação de venerações numa só capela era usual.

## QUEBRAR “FRONTEIRAS ENTRE O SAGRADO E O PROFANO”: A AUSÊNCIA DE PORTAIS

Importa por último, e no seguimento da ideia de possíveis “Fronteiras entre o Sagrado e o Profano”, reconhecer que por outro lado também existiram pontes entre esses dois domínios, mais discretas e particularmente menos visíveis, nas inúmeras passagens privilegiadas que determinadas “moradas de casas” tinham directamente para as capelas-mores. Criando arcos sobre a via pública ou simplesmente através de aberturas invisíveis para os transeuntes (quando habitações e templos se encontravam encostados), estas pontes esbateram para raríssimos números de indivíduos a fronteira entre estes dois universos. Não erigiram portais carregados de iconografia, quebrando a barreira que quase sempre existiu para quaisquer outros fiéis.

Exemplifica esta situação o passadiço que existiu entre as casas de João Sanches Farinha (outrora palácio de D. Dinis), para a igreja paroquial de S. Bartolomeu<sup>24</sup>; o passadiço que D. Filipe de Mascarenhas, conde de Coculim, pediu permissão ao Senado para fazer, entre as suas casas e a igreja de São João da Praça<sup>25</sup>, a comunica-

<sup>23</sup> SANTA MARIA, 1707: 178-179.

<sup>24</sup> COSTA, 1712.

<sup>25</sup> AML, *Livro de Cordeamentos* (1614-1699), f. 707.

ção que existiu entre a casa dos viscondes de Vila Nova de Cerveira e, depois marqueses de Ponte de Lima, e a igreja de São Lourenço, ou aquela que também existiu entre o palácio dos condes de Redondo e a igreja do convento de Santa Marta<sup>26</sup>.

## NOTA FINAL

As igrejas paroquiais e os templos de mosteiros e conventos de Lisboa, quer aqueles implantados de raiz nos séculos XVII e XVIII, quer aqueles que reaproveitaram nesse período estruturas sacralizadas de outras épocas, concorreram para o que se considerou ser uma cidade onde o solo, o clima e a vista para o rio contribuíam para a observância e para a disciplina monástico-conventual. A noção do espírito do lugar, que parece ter estado radicada em locais culturais onde a situação junto ao Tejo e a vista foram preponderantes para quem delas gozou, ou onde o cariz do Divino, pela ancestralidade do edificado, já inculcava respeito por quem por aqueles locais deambulava, foi acentuado através de símbolos patentes nos frontispícios dos templos. Esses signos, maioritariamente constantes nos portais que marcaram as fronteiras entre o terreno e espiritual, exponenciaram a ideia dos templos serem lugares quase intransponíveis, ou, quando ultrapassáveis, serem espaços de redenção. A porta principal do templo, disposta no topo do edifício, ou lateralmente, foi o local, onde se concentrou a maior carga simbólica, mas também decorativa, como indicação da entrada paradoxal num outro mundo.

## BIBLIOGRAFIA:

### Fontes Primárias

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (AML), *Livro de Cordeamentos (1614-1699)*.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (BNP), *Secção de Reservados*, Cod. 946: *Tractado de Architectura Que leo o Mestre, e Architecto Matheus do Couto o Velho No anno de 1631*.

### Fontes Secundárias

BASTIDE, Roger (2006) – *Variações da porta barroca. Novos Estudos*, N.º 75. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planeamento, p. 129-137.

COSTA, António Carvalho da (1712) – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes.

---

<sup>26</sup> SERRÃO, 1977.

- CUSATIS, Brunello de (1998) – *O Portugal de Seiscentos na «Viagem de Pádua a Lisboa» de Domenico Laffi*. Lisboa: Editorial Presença.
- ESPERANCA, Fr. Manuel da (1709) – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal*, Tomo V. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana.
- GRILO, Fernando Jorge Artur (2005) – *A Escultura da Época Moderna. Reflexões a Propósito de uma Coleção*. ARNAUD, José Morais, FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 433-495.
- LIMA, Durval Pires de, ed. (1950-1972) – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- PORTUGAL, Fernando, MATOS, Alfredo de (1974) – *Lisboa em 1758, Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- QUINTÃO, José César Vasconcelos (2005) – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- RUÃO, Carlos (1998) – *A Porta Férrea ou a Joyeuse Entrée. Monumentos*, N.º 8. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, p. 26-33.
- SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1707) – *Santuário Mariano, e História das Images milagrosas de Nossa Senhora*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram.
- SANTA MARIA, Pe. Francisco de (1697) – *O Ceo Aberto na Terra. Historia das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa & de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreira.
- SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, dir. (1994) – *Dicionário das História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados.
- SANTOS, Miguel Ferreira dos (2009) – *O Portal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição Velha. Da Ornamentação de Grottesche à Representação da Mater Omnium*. *Artis*, N.º 7-8, p. 43-72.
- SÃO JOSÉ, Fr. Jerónimo de (1789) – *História chronologica da esclarecida ordem da Ss. Trindade, Redempção de Cativos, da Provincia de Portugal*, Tomo II. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.
- SERRÃO, Vítor (1977) – *O Arquitecto Maneirista Pedro Nunes Tinoco. Novos Documentos e Obras (1616-1636)*. Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. III Série, N.º LXXXIII. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa.
- SOROMENHO, Miguel (2009) – *A Arquitectura do Ciclo Filipino, (Arte Portuguesa da Pré-História ao Século XX)*. S.l.: FUBU.
- TIÇÃO, Álvaro Manuel Parreira da Rocha (2007) – *O Antigo Convento do Santo Crucifixo ou das Francesinhas em Lisboa: História, Arte e Memória*. Lisboa. Faculdade de Letras Dissertação de Mestrado em Arte Património e Restauro.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de (1608) – *Do Sítio de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Luís Estupiñan.

